

CIGARRO: ALGUMAS PITADAS DE HUMOR

Jacir J. Venturi

Ao descrever as agruras dos primeiros meses em que deixou o tabaco, o escritor João Ubaldo Ribeiro deu seu depoimento à Revista *Veja*: “Desse jeito, na minha biografia estará escrito 'João Ubaldo Ribeiro, 55 anos, deixou tudo para se dedicar a largar do cigarro'”.

Quantas pessoas determinadas ou com mentes privilegiadas sucumbem, apesar do hercúleo esforço em largar o vício? “Parar de fumar é fácil. Já parei mais de 20 vezes” — ironizava Winston Churchill, reconhecido como o maior líder do século XX.

Não há fumante que não se autopuna. O remorso dele é maior que os danos que causam suas baforadas. Sim, ele sabe que a melhor definição de cigarro é: fogo numa ponta e ele, o imbecil, na outra ponta. Sim, ele sabe que o cigarro lhe diz: hoje você me acende, amanhã eu te apago. Sabe, ainda, que beijar um fumante é como lambe um cinzeiro. Ele sabe que o cigarro não distrai. Destrói.

O tabaco é um vício poderoso. Deixá-lo — dizem — é mais difícil do que se livrar do álcool, maconha, cocaína. Contudo, como no término de um grande amor, fica um vazio. E se estabelece uma relação de saudade ou ojeriza. Nunca mais a fumacinha que lhe chega às narinas será indiferente.

Um amigo faz questão que conste em sua lápide: “Fulano de tal, ex-fumante”. Tento completar: ex-fumante, antes de morrer. Sim, meu vizinho de praia me pede emprestada a *Gazeta do Povo* para ver quem parou de fumar. E com um sorriso maroto abre a página do obituário.

Não mais tabagista, outro amigo costuma fazer troça: “Já esqueci a morte de minha mulher há dois anos; da minha mãe, há cinco anos, mas não esqueci o cigarro. E olha que parei de fumar há dez anos”.

Passei muitos anos convivendo com um ritual prosaico: às 10h da manhã, um café e umas pitadas de *Charm*; após o almoço, mais um café e um *Charm*; no jantar, uma taça de vinho e... Meu cardiologista fazia blague: “Três cigarros por dia? Você é o único paciente que sabe fumar. Mas está na idade de parar”.

Após definitivamente me separar dela — a nicotina, pois se parece com a dor da perda da mulher que se amou —, subjaz um desejo secreto: imitar a cena de um filme de *bang-bang* na qual o bandido sobe o cadafalso e o xerife faz a derradeira pergunta:

— Seu último desejo, senhor?

— Sim, um cigarro, por favor.

Nem que seja um *Marlboro* sem filtro.

Jacir J. Venturi, ex-fumante.